

PANORAMA SOBRE OS ANALGÉSICOS OPIOIDES NO BRASIL: REVISÃO DE LITERATURA

OVERVIEW ON OPIOID ANALGESICS IN BRAZIL: LITERATURE REVIEW

Marilya Dayfne Pereira Xandú Campos¹; Maria do Socorro de Oliveira Clementino ¹

¹Faculdade de Integração do Sertão – FIS, Serra Talhada-PE, Brasil.

Resumo

Diante da percepção da dor e após identifica-la como aguda, crônica ou recorrente, observando o tempo de acometimento, os profissionais de saúde buscam as formas de tratamento mais seguras e eficazes. O que faz o superpoder de analgesia dos opioides destacar-se em casos como esses quando usado de forma coerente. Realizar um levantamento bibliográfico sobre os analgésicos opioides no Brasil. Apresenta dados coletados e selecionados para realizar uma revisão de literatura encontrados em artigos publicados nos últimos 10 anos em fontes como: Scielo, PubMed e PMC, tendo como norte a pergunta: Qual o panorama dos analgésicos opioides no Brasil? Sendo chamados primeiramente de opioides com finalidade de referir-se as substâncias naturais e opiáceos para denominar as substâncias semissintéticas e sintéticas, hoje o termo opioide é responsável por apontar todos os compostos a base do ópio (substância ativa) capaz de reagir com diversos receptores. Na metade dos anos 30 os transtornos relacionados ao uso de opioides começaram a ser notados com frequência, descobrindo no Rio de Janeiro a primeira boca de fumo do ópio, frequentada por pessoas de diversas classes sociais. A dependência acontece devido esses compostos possuírem receptores em várias partes do sistema nervoso, causando efeitos analgésicos, depressores e eufóricos. Obteve-se ao final a informação de que quando usado com acompanhamento profissional e na necessidade do paciente, os opioides possibilitam uma significativa melhora na qualidade de vida do acometido, no entanto, não obtendo resultados, podem ofertar sérios danos e o desvio de medicamentos sob prescrição.

Palavras-chave: Analgésicos opioides. Dependência. Dor crônica.

Abstract

Faced with the perception of pain and after identifying it as acute, chronic or recurrent, observing the time of onset, health professionals seek safer and more effective forms of treatment. What makes the analgesic superpower of opioids stand out in cases like these when used consistently. To carry out a bibliographical survey on opioid analgesics in Brazil. It presents data collected and selected to carry out a literature review found in articles published in the last 10 years in sources such as: Scielo, PubMed and PMC, with the question: What is the panorama of opioid analgesics in Brazil? Being first called opioids in order to refer to natural and opiate substances to name semi-synthetic and synthetic substances, today the term opioid is responsible for pointing out all compounds based on opium (active substance) capable of reacting with various receivers. In the mid-1930s, disorders related to the use of opioids began to be noticed frequently, with the discovery of the first opium tobacco outlet in Rio de Janeiro, frequented by people from different social classes. Dependence happens because these compounds have receptors in various parts of the nervous system, causing analgesic, depressant and euphoric effects. In the end, the information was obtained that when used with professional monitoring and in the patient's need, opioids enable a significant improvement in the quality of life of the affected person, however, without obtaining results, they can offer serious damage and the diversion of prescription drugs.

Keywords: Opioid analgesics. Dependency. Chronic pain.

Introdução

A dor é definida pela International Association for the Study of Pain (IASP) como uma “percepção sensorial e emocional desagradável, relacionada a um dano real ou potencial dos tecidos”. Ela pode ser descrita em relação ao tempo de acometimento em aguda, crônica ou recorrente e envolve mecanismos físicos, psíquicos e culturais a partir de uma manifestação subjetiva (SANTOS; MARANHÃO, 2016). O manejo da dor é um desafio para os profissionais de saúde, que apesar do progresso na farmacoterapia precisam avaliar os pacientes e reconhecer as suas necessidades influenciadas pela percepção da dor (RIBEIRO; COSTA, 2015).

O manejo é um fator crucial na conduta terapêutica. O tratamento e a escolha dos analgésicos a serem utilizados, são condicionantes da avaliação adequada e das condições em que se encontra o paciente. O tratamento utiliza analgésicos opióides, também descritos como narcóticos por apresentarem psicoativos com efeitos farmacológicos semelhantes aos do ópio ou suas substâncias, incluindo também os opiáceos. Esses fármacos agem sobre receptores opióides, com efeitos similares aos da morfina, por exemplo, e servem para o alívio de dores moderadas a intensas, de origem visceral. Em doses terapêuticas, são seletivos e não comprometem os sentidos como o tato, visão, audição ou a função intelectual (LEAL; ALENCAR, 2020).

Coluzzi *et al.* (2016), salientaram que os opioides são destinados a tratamento de dores crônicas em pacientes que necessitam de cuidados paliativos, portadores de câncer ou doenças de estado terminal e em dores graves, súbitas e agudas, indicados em casos onde o paciente obteve fraturas ou queimaduras. Porém, preocupações com a dependência e os efeitos colaterais não devem limitar o uso desses medicamentos, pois, tais fatores podem ser prevenidos ou tratados. Os efeitos colaterais desses medicamentos podem incluir o transtorno do uso dos opióides, popularmente conhecido como dependência, a superdosagem, a insuficiência respiratória e a morte.

Por não serem indicados para todas as pessoas, os autores ainda afirmam que a prescrição dos analgésicos opióides seja feita pelo profissional médico responsável pelo tratamento, mediante algumas perguntas relacionadas a se o paciente faz uso ou abuso indevido de medicamentos para dormir ou outras finalidades, ou se apresenta algum efeito adverso ao medicamento explicando as reações indesejáveis que o mesmo pode causar. O tratamento com opióides só deve ser levado adiante quando a necessidade do alívio das dores e o favorecimento da qualidade de vida superar os riscos (COLUZZI *et al.*, 2016).

Desse modo, esse estudo tem como objetivo apresentar, um levantamento bibliográfico sobre os analgésicos opióides no Brasil. Para este fim é necessário destacar o histórico desses medicamentos no país e mostrar os principais tipos utilizados. A realização desse estudo torna-se importante para levar conhecimento a sociedade do quanto pode ser prejudicial para a saúde o mau uso de medicamentos.

Metodologia

Trata-se de um estudo de revisão de literatura, com coleta de dados realizada em bases de relevância e reconhecimento científico como, Scielo, PubMed e PMC, com as etapas de: elaboração da pergunta norteadora, coleta de dados, análise crítica da literatura e elaboração da discussão dos resultados. A pergunta norteadora foi “Qual o panorama dos analgésicos opioides no Brasil?”.

Como estratégia de busca estabeleceu-se: abrangência temporal dos últimos dez anos; seleção dos descritores do *Medical Subject Headings* (MeSH) – “Transtornos relacionados ao uso de opioides”, “Analgésicos Opioides”, “Desvio de medicamentos sob prescrição”. Os critérios de inclusão foram: artigo original e na íntegra; presença dos descritores no título e/ou resumo. A coleta de dados foi realizada a partir da leitura prévia dos resumos dos trabalhos que atenderam aos critérios de inclusão. Após a seleção dos artigos, seguiu-se a análise crítica dos artigos na íntegra e a síntese do conteúdo.

Para as referências foram utilizadas as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) no seu Projeto Normas Brasileiras (NBR) 6023:2002 (ABNT, 2010). O estudo, portanto, se limitou à investigação bibliográfica que serve como referência ao diálogo com diversos autores a respeito do tema. Por isso, não conteve nenhuma investigação *in loco*, nos ambientes próprios de saúde ou em quaisquer locais que viessem a configurar pesquisa de campo. A pesquisa foi realizada durante os meses de fevereiro a novembro de 2021.

Resultados e Discussão

A tabela 1 sumariza os estudos incluídos na revisão. Sua escolha foi baseada nos critérios de inclusão, optando-se por selecionar apenas 09 artigos, sendo inseridos na amostra final da revisão, conforme dispostos em tabela para facilitar a apresentação dos resultados.

Tabela 1 – Descrição dos estudos selecionados para análise

Autor/Ano	Título	Objetivo	Conclusão
COLUZZI <i>et al.</i> (2016)	Orientação para boa prática clínica para opioides no tratamento da dor: os três "Ts" titulação (teste), ajustes (individualização), transição (redução gradual)	Nesta revisão, procuramos apresentar o conhecimento atual publicado e as experiências sobre as três etapas importantes do tratamento com opioides: titulação (ou testes), individualização e redução gradual.	Isso é particularmente importante quando se considera a terapia com opioides, já que a adequação do opioide, do regime e da seleção do paciente é fundamental. As três etapas (Ts) titulação (teste), ajustes (individualização), transição (redução gradual) são conceitos e orientações úteis para a prescrição racional, segura e apropriada de opioides que deve resultar em melhores resultados e aprimoramento dos opioides.
KRAYCHETE <i>et al.</i> , (2013)	Recomendações para uso de opioides no Brasil: Parte I	As recomendações apresentadas nesta e em futuras publicações de maneira sequenciada têm como proposta iniciar a composição de um guia prático para o tratamento adequado dos pacientes, divulgar as recomendações disponíveis em relação ao uso de opioides em diversas situações clínicas; estimular a pesquisa relacionada à segurança e à efetividade dos opioides e desmitificar a associação inadequada entre adição/dependência e o uso de opioides.	É importante eleger de maneira adequada os pacientes que utilizarão opioide em longo prazo, avaliando os efeitos adversos e adequando a dose a cada situação clínica; observar quando deverá ocorrer a retirada ou a rotação de opioide, assim como monitorar os pacientes em longo prazo.

Autor/Ano	Título	Objetivo	Conclusão
MELO <i>et al.</i> , (2020)	Retirada de opioides: Uma revisão bibliográfica	Realizar uma coleta de dados sistematizada, análise reflexiva e atualizações a respeito do uso de opioides e as alternativas para a atenuação de seus efeitos relacionados a tolerância e vício no mundo.	Tanto a metadona quanto a buprenorfina são úteis no tratamento da síndrome de abstinência de opioides pois diminuem os sintomas de desejo e abstinência, além de impedir a ação de outros opioides. São necessárias mais pesquisas e estudos clínicos para avaliar essas terapias e demonstrar a viabilidade para a implementação em ambientes clínicos no Brasil.
NOA KRAWCZYK <i>et al.</i> , (2018)	Tendências crescentes das vendas de opioides sob prescrição no Brasil contemporâneo, 2009–2015	Apresentar e discutir os padrões recentes de vendas de opiácios prescritos em todo o Brasil.	Dado o rápido aumento nas vendas de opioides em todo o Brasil, é fundamental introduzir métodos eficazes de prescrição e monitoramento que permitem aos pacientes o acesso necessário dos medicamentos sem aumentar o risco de uso indevido de opioides e consequências relacionadas.
OLIVÊNCIA <i>et al.</i> , (2018)	Tratamento farmacológico da dor crônica não oncológica em idosos: Revisão integrativa	Realizar uma revisão integrativa da literatura sobre o tratamento farmacológico da dor crônica não oncológica em idosos.	Os resultados demonstram variadas opções de tratamento da dor crônica na população idosa, destacando o papel dos opioides, que podem vir a ser usados, com cautela, no tratamento. Chama atenção também ao fato de que diversas drogas não foram testadas especificamente na população idosa. Além disso, o manejo da dor no idoso requer atenção a diversos fatores, entre eles as comorbidades, polifarmácia e funcionalidade do paciente. Assim, deve ser feita uma abordagem individualizada do paciente idoso, a fim de melhorar os resultados e diminuir efeitos colaterais.

Autor/Ano	Título	Objetivo	Conclusão
RIBEIRO; COSTA, (2015)	Acompanhamento farmacoterapêutico de idosos em uso de analgésicos opioides em um hospital de ensino	Descrever as ações realizadas e resultados alcançados pelo serviço de acompanhamento farmacoterapêutico de pacientes em uso opioides em um hospital de ensino.	Ocorreu maior prevalência do uso de tramadol. Um percentual significativo de pacientes, inclusive aqueles em uso opioides fortes, relataram presença de dor, o que indica a necessidade de implementação de estratégias para melhor efetividade da farmacoterapia. O OR aponta para uma maior chance de realização de intervenções farmacêuticas nos pacientes que apresentam dor.
SANTOS; MARANHÃO, (2016)	Cuidado de Enfermagem e manejo da dor em crianças hospitalizadas: pesquisa bibliográfica	Descrever os métodos, as competências e as dificuldades da equipe de Enfermagem para o manejo da dor em crianças hospitalizadas.	Esta revisão apontou para a necessidade de se investigarem e construir estratégias educativas e gerenciais para os enfermeiros identificarem as necessidades formativas da equipe de Enfermagem atuante em serviços com crianças hospitalizadas, bem como aquelas relativas ao planejamento da assistência com essa finalidade.
SATURNINO, (2012)	Farmacêutico: Um profissional em busca de sua identidade	Este artigo aborda alguns aspectos da história do profissional farmacêutico e apresenta pontos para uma reflexão sobre essa crise de identidade do farmacêutico e as razões de sua pequena participação no Sistema Único de Saúde (SUS), sobretudo nas Unidades Básicas de Saúde.	Observa-se hoje uma fase de ruptura do paradigma tecnicista e de reconstrução de uma identidade social, ainda insipiente e conflituosa em sua construção. Não obstante a definição de um consenso, este ainda parece incapaz de realmente reunir os diversos atores em um forte movimento de mudança, implicando uma articulação com a reorganização do serviço e uma nova postura perante a sociedade e os demais profissionais da saúde.
WIERMANN <i>et al.</i> , (2014)	Consenso Brasileiro sobre Manejo da Dor Relacionada ao Câncer	Levando-se em conta esses fatores, a SBOC (Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica) deu início à elaboração de um consenso sobre o manejo da dor relacionada ao câncer, a fim de proporcionar aos profissionais de saúde brasileiros informações úteis sobre este tema. Este consenso baseou-se em revisão e análise formais de dados publicados, diretrizes atuais e também na experiência prática dos	A principal razão para que o controle da dor seja uma prioridade no tratamento do câncer é o impacto positivo em sobrevida e qualidade de vida. O controle satisfatório da dor também contribui para que o paciente tolere melhor, e por mais tempo o tratamento oncológico. Um tratamento bem sucedido requer que a introdução de medicamentos ocorra em momento apropriado, e não tardiamente, e que os eventos

Autor/Ano	Título	Objetivo	Conclusão
		autores no cuidado de pacientes oncológicos.	adversos potenciais sejam devidamente tratados. A SBOC espera colaborar para a disseminação destes conceitos, fornecendo um algoritmo prático para avaliação da dor, seleção e conversão de opioides, que possa ser facilmente utilizado na prática diária.

HISTÓRICO DOS ANALGÉSICOS OPIOIDES NO BRASIL

A maioria dos opioides são medicamentos importantes utilizados com destinações médicas específicas. No entanto, seu alto potencial de capacidade de dependência sugere que haja cuidado na administração e no controle de dispensação dessas substâncias psicotrópicas (COLUZZI *et al.*, 2016).

Melo *et al.* (2020), lecionaram que o ópio é extraído da papoula, nome popular do *Papaver somniferum*, uma das muitas espécies da família das *Papaveráceas*, o termo opioide foi proposto por Acheson para designar as substâncias com ação semelhante à da morfina, porém com estrutura química diferente. Contudo, o conceito de opioide evoluiu e passou a incluir todas as substâncias naturais, semissintéticas ou sintéticas que reagem com os receptores opioides, quer como agonista ou como antagonista

Olivência *et al.* (2018), destacaram que os analgésicos opioides são um grupo de compostos que agem ligando-se aos receptores opioide distribuídos no sistema nervoso e tecidos periféricos, podendo agir como agonistas ou antagonistas. Fentanil, hidromorfona, metadona, morfina e oxicodona são opioides agonistas, enquanto a buprenorfina é parcialmente agonista/antagonista. São drogas potentes utilizadas no controle da dor crônica moderada a severa, refratária ao uso de analgésicos não opioides e anti-inflamatórios. Devido ao alto índice de dependência, efeitos colaterais e desconhecimento por parte dos clínicos, há receio em prescrever opioides.

Os opioides, possuem receptores ($M\mu$, Kappa e Delta) espalhados por todo o sistema nervoso central, deste modo, apresentam distintos efeitos dependendo do tipo de receptor ativado ou inibido, possuindo efeitos desde analgésicos e depressores do sistema nervoso central, até podendo causar euforia. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2014, cerca de 70 mil pessoas morreram por ano por overdose de opioides. Sendo que, nos Estados Unidos da América (EUA), em 2010, estimou-se que 16.651 pessoas morreram devido à prescrição de remédios preparados com ópio. Além disto, de acordo com a OMS, apenas 10% de 15 milhões de pessoas que sofrem de dependência opiácea recebem tratamento. No Brasil o uso mais comum deste medicamento é para dor crônica e, segundo dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), o número de prescrições médicas de opiáceos vendidos entre 2009 e 2015 no Brasil teve um salto de 465%, aumentando de 8,28 a 44,25 a cada 1000 pessoas em um período de seis anos (KRAWCZYK *et al.*, 2018).

Devido ao aumento no consumo de opioides no Brasil, Coluzzi *et al.* (2016) afirmaram que é necessário não só conhecer os benefícios dos opioides, mas também compreender os riscos do uso contínuo, que pode levar a dependência e síndromes de abstinências severas, sendo comumente associado a morbimortalidade. Portanto, a adoção de algumas medidas pode auxiliar no uso seguro desses medicamentos e contribuir para a redução de danos. Frente a isto, o uso seguro desses analgésicos necessita de cuidados com a titulação, ajustes individuais, bem como sua redução gradual.

Segundo Melo *et al.* (2020), os fatores de risco para dependência entre pacientes em tratamento com opioides são: jovens; dor crônica após acidente automobilístico; múltiplas regiões dolorosas; antecedente de uso de drogas ilícitas; depressão, doença psiquiátrica; uso de

medicamento psicotrópico; dependência de tabaco; dose maior; maior tempo de uso; uso de álcool e uso por familiar.

PRINCIPAIS TIPOS DE ANALGÉSICOS OPIOIDES

A terapia farmacológica inclui o uso de agonistas (buprenorfina ou metadona) ou de um antagonista (naloxona e naltrexona), sendo assim, estes medicamentos foram mostrados de forma individualizada para a compreensão dos seus benefícios (OLIVÊNCIA *et al.*, 2018). Segundo Melo *et al.* (2020), a buprenorfina é recomendada na dose de 8-16 mg/dia.

Em geral, a buprenorfina injetável é eficaz - ela suprime os sintomas de abstinência e é bem tolerada e segura. Pode ser utilizada em gestantes, adolescentes maiores de 16 anos e para alívio da dor.

Olivência *et al.* (2018), leciona que a metadona é um opioide sintético popular que apresenta potente efeito analgésico e também diversos efeitos adversos. Suas propriedades farmacológicas e farmacocinéticas diferem dos demais opioides, produzindo uma grande diferença interindividual e maiores chances de interações. Para o tratamento da dor, a metadona é recomendada apenas em caso de falhas de outras drogas opioides, iniciando-se o tratamento com a dose de dois a cinco mg/dia e dose de manutenção entre 10 e 30 mg/dia. É recomendada a realização de eletrocardiograma prévio durante o tratamento. Tais recomendações apresentam limitado nível de evidência, uma vez que grande parte dos estudos envolvendo a droga se trata de relatos de casos, sendo necessárias novas evidências de maior significância.

Para a metadona, Segundo Kraychete *et al.* (2013), não esquecer que há uma variação interindividual da farmacocinética, assim como potencial para provocar toxicidade tardia devido à sua meia-vida de eliminação, que é de oito a 59 horas. O acúmulo de metadona durante os dias ou semanas de tratamento pode causar risco de vida, como depressão respiratória, particularmente durante o sono.

Wiermann *et al.* (2014), relataram que a metadona é um analgésico opioide potente com antagonismo a NMDA (N-metil D-aspartato), o que, acredita-se, aumentar sua potência analgésica e contribuir para sua utilidade na dor neuropática. A prescrição da metadona requer experiência por parte do médico, devido principalmente à sua longa meia-vida e tendência de acúmulo, especialmente quando a depuração renal está diminuída. Já a naloxona é um antagonista de receptor opioide inespecífico, apresentando maior afinidade sobre os receptores μ . Tem início de ação após 2 minutos e possui meia-vida de aproximadamente 1,5 hora.

Na visão de Melo *et al.* (2020), a naltrexona é um antagonista opioide puro, é utilizado para atenuar ou bloquear os efeitos dos opioides. Sua forma de apresentação é na forma de comprimidos com 50mg em frasco com 30 comprimidos e não está disponível no Sistema Único de Saúde (SUS). Esse antagonista de opioides atua ligando-se aos receptores de opioides.

CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NO USO DOS OPIOIDES

É evidente que a dependência de opioides é um distúrbio crônico recorrente com importantes implicações na saúde pública tanto no seu uso quanto sua retirada, Melo *et al.* (2020) destacaram que os profissionais prescritores devem entender que o uso seguro dos opioides é apenas o primeiro passo do tratamento e deve ser acompanhado continuamente, com análise dos tipos de terapias medicamentosas. Para que isso ocorra, é necessário o tratamento assistido por medicação onde, geralmente começa com a metadona ou a buprenorfina, sendo que a metadona tem um risco maior de overdose letal quando comparado a buprenorfina.

Krawczyk *et al.* (2018) abordaram o significativo aumento em vendas de opiáceos com prescrição médica entre o ano de 2009 a 2015 no Brasil. Chegando a ser vendidas somente no ano de 2009 1.601.043 prescrições, alcançando números absolutos de 9.045.945 vendas em 2015, onde notou-se um aumento de 465%, toda essa porcentagem resulta em uma pequena fração de números que o governo conseguiu capturar, relatando que o problema maior está no uso desses compostos sem prescrição médica, feito na maioria das vezes pelos jovens, o que se

torna preocupante, pois o frequente uso pode causar dependência ou ao abuso, causando a morte do indivíduo.

Através desta problemática busca-se mostrar que a forma incorreta da administração de tais fármacos acarreta em inúmeros prejuízos a saúde do indivíduo usuário, o principal e mais grave deles é a dependência, que mais tarde evolui para uma reação de abstinência, levando o indivíduo a recorrer a meios ilícitos, como a fraude de receituários médicos com prescrições para saciar o "vício", podendo leva-lo em alguns casos a uma overdose. (SATURNINO *et al*, 2012).

Krawczyk *et al.* (2018) ressalta que pode acontecer no Brasil algo semelhante ao que aconteceu nos Estados Unidos, que registrou o maior índice de morte decorrente de overdose, chegando a ser considerado epidemia no país, registrando em média 29 mortes de adolescentes por dia. Levando a população a buscar medidas de controle como investigar comercialização ilegal na internet e tornar as prescrições mais criteriosas, denominando o sistema de saúde como falho.

Conclusão

Este trabalho destaca brevemente a origem, a importância, os riscos e a utilização dos opioides no Brasil, trazendo informações sobre os efeitos benéficos destes medicamentos quando usados em dose terapêutica segura e também os efeitos maléficos que podem causar no indivíduo que faça o uso de forma inconsequente, visando finalidades não terapêuticas e obviamente arriscadas.

Levantando uma significativa pauta para o percentual de brasileiros que utilizam esse medicamento com e sem prescrição médica, o que faz o sistema de saúde ser considerado falho diante dos índices de aumento que foram apontados ao longo do trajeto. De maneira geral notou-se a importância dos analgésicos opioides frente ao tratamento das dores, sendo comercializados diversos tipos no Brasil. No entanto, trazendo uma visão mais detalhada sobre os efeitos colaterais que os mesmos podem fazer enquanto tratam.m.

Referências

COLUZZI, Flaminia et al. Orientação para boa prática clínica para opioides no tratamento da dor: os três "Ts"-titulação (teste), ajustes (individualização), transição (redução gradual). **Revista Brasileira de Anestesiologia** , v. 66, p. 310-317, 2016.

DE MELO, Andressa Piva et al. RETIRADA DE OPIOIDES: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 67098-67112, 2020.

KRAWCZYK, M. N. *et al.* Tendências crescentes das vendas de opioides sob prescrição no Brasil contemporâneo, 2009–2015 **American Journal of Public Health** 108, 666_668, <https://doi.org/10.2105/AJPH.2018.304341>, 2018.

KRAYCHETE, Durval Campos; SIQUEIRA, José Tadeu Tesseroli de; GARCIA, João Batista Santos. Recomendações para uso de opioides no Brasil: parte I. **Revista Dor** , v. 14, p. 295-300, 2013.

OLIVÊNCIA, Salomão Antônio et al. Tratamento farmacológico da dor crônica não oncológica em idosos: Revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 21, p. 372-381, 2018.

SANTOS, Jerusa Pereira; MARANHÃO, Damaris Gomes. Cuidado de Enfermagem e manejo da dor em crianças hospitalizadas: pesquisa bibliográfica. **Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped**, v. 16, n. 1, p. 44-50, 2016.

SATURNINO, Luciana Tarbes Mattana et al. **Farmacêutico: um profissional em busca de sua identidade**. 2012.

RIBEIRO, Heide de Sousa Silva; DA COSTA, Josiane Moreira. Acompanhamento farmacoterapêutico de idosos em uso de opioides em um hospital de ensino. **Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde** , v. 6, n. 1, 2015.

WIERMANN, Evanius Garcia et al. Consenso brasileiro sobre manejo da dor relacionada ao câncer. **Rev Bras Oncol Clin**, v. 10, n. 38, 2014.

Recebido: 18/05/2023

Aprovado: 14/06/2023